



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**BERNARDO GONZALES CEPEDA ALVARES**

**(entrevista)**

**São Paulo, SP**

**2023**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-40

**Nome do entrevistado:** Bernardo Gonzales Cepeda Alvares

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado, São Paulo (Via Zoom)

**Entrevistadores:** André Luís dos Santos Silva, Angelita Alice Jaeger e Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** 5/11/2023

**Transcrição:** Mariana da Silva Brum

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa de termos:** Mariana da Silva Brum

**Total de gravação:** 1 hora 12 minutos e 24 segundos

**Páginas Digitadas:** 25

**Observações:**

Parte da entrevista foi publicada no *Dossiê: Diversidade, gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas* da revista *Diversidade & Educação* (vol. 11, nº2, 2023)

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: Alvares, Bernardo Gonzales Cepeda. Entrevista concedida por Bernardo Gonzales Cepeda Alvares ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores André Luís dos Santos Silva, Angelita Alice Jaeger e Silvana Vilodre Goellner. UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 5 nov. 2023, 25 p.

## **SUMÁRIO**

Infância; Relação com as práticas corporais e esportivas; Futebol; Identidade de gênero; Transmasculinidades; Militância política; Futebol de Mulheres; Meninos Bom de Bola; Sport Clube T Mosqueteiros; Transexualidade; LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil; Taça da Diversidade.

São Paulo (SP), 5 de novembro de 2023. Entrevista com Bernardo Gonzales Cepeda Alvares (B.A.) a cargo dos pesquisadores André Luís dos Santos Silva (A.S.), Angelita Alice Jaeger (A.J.) e Silvana Vilodre Goellner (S.G.) para Projeto Garimpando Memórias

S.G. - Bernardo, primeiramente quero te agradecer por aceitar nos conceder essa entrevista cujo foco está na tua relação com as práticas corporais e esportivas, sobretudo, com o futebol. Para iniciar, fale um pouco sobre tuas relações com o esporte.

B.A. - A minha relação com o esporte e o corpo têm uma conexão muito potente porque desde criança eu gosto muito de esporte. Eu sempre gostei de esportes coletivos, dos esportes de quadra, de estar ali em coletivo, de pensar estratégias e isso desde muito cedo. Eu adorava assistir a Copa do Mundo de Futebol, só que dessa perspectiva de um corpo que tinha muita dificuldade de, em primeiro lugar, se entender. Eu acho que, como uma criança nascida nos anos 1990, essa dificuldade apareceu logo de cara porque eu nunca me senti uma menina. Essa ideia de ser uma garota, de estar ali aprendendo sobre as feminilidades, nunca foi algo que eu desejei, que eu tinha interesse. Pelo contrário: acho que eu negava essa feminilidade de muitas e muitas formas quando criança, mas eu também não tinha nada para colocar no lugar, porque me sobrava o nome, me sobrava os pronomes femininos, me sobrava ser uma menina e sempre uma incompreensão muito grande do que que era isso, do porquê que eu estava passando por aquilo. Se eu soubesse, por exemplo, que existia a ideia de transição, de que eu podia ser um menino, certamente eu teria feito essa escolha logo de cara. E aí o que aconteceu comigo foi que eu associei os elementos que eu tinha naquele momento. O que é que eu tinha naquele momento? A binaridade de gênero, que era ou você é menina ou você é menino. Eu tinha uma família muito católica e o fato de ser cristão ou cristã à época era aquela bagunça. Eu tinha um desejo muito forte por meninas já nessa época, já aparecia esse desejo, e vinha embutido nessa ideia de sexualidade a heteronormatividade compulsória. Então, para mim, só existiam essas duas opções. E aí na minha cabeça de criança, de Bianca, isso é uma coisa que eu gosto sempre de lembrar e eu demorei pra resgatar que foi quando eu me dei um outro nome. Eu me dei uma fantasia de criança em que eu me chamava Bruno e tinha um pênis e eu rezava para Deus todas as noites para que isso acontecesse comigo, assim, que aquele pênis nascesse porque era a única possibilidade de existência que eu tinha. Eu

rezava para que eu tivesse um pênis, que eu fosse um menino e então ficaria tudo certo. E aí eu fui crescendo e o esporte me acompanhou. Quando eu era bem pequenininho, minha mãe comprou uma bola para mim, eu acho que a coisa da bola não é tão problemática. Mas conforme você vai crescendo, jogar futebol foi um problema. Minha mãe nunca incentivou que eu tivesse essa escolha, nunca me levou para uma escolinha de futebol e os espaços que eu tinha de jogo eram na Educação Física ou então nos interclasses da vida que as escolas sempre faziam e eu jogava pelo feminino. Quando dava para disputar, porque nessa época também as meninas não tinham esse interesse pelo futebol, então, às vezes nem tinha time e não era permitido que eu jogasse com os meninos. Então, acho que o meu primeiro interclasses que existiu uma disputa, eu devia ter uns 11 anos. Eu sempre gostei de praticar, mas eu não encontrava pessoas da minha idade que praticavam comigo e minha mãe também nunca me levou para esses espaços. E acho que essa relação foi se dando de um jeito meio esquisito porque eu não entendia sobre essas coisas e eu fui crescendo e rejeitando a feminilidade de um jeito profundo. E minha mãe, ao passo que eu negava essa feminilidade, ela me obrigava a ter lugar de feminilidade, então ela me obrigava a vestir vestido, nessa época tinha umas tamancas de madeira que ela me obrigava muito a vestir e até hoje eu tenho um trauma com essas tamancas de madeira. Assim que eu vejo uma delas, eu já falo: meu Deus do céu, eu quero correr desse lugar, porque tem esse sapato aqui, que para mim é um gatilho muito forte. Então, acho que essa coisa da obrigação me gerou muita raiva também e cresci como uma criança bem revoltada com a sexualidade, com a identidade de gênero porque eu não compreendia do que isso se tratava. Durante uma fase da minha adolescência a gente passa pelos clássicos porque eu sempre ouvia, seja jogando futebol dentro da quadra ou mesmo fora da quadra, algo tipo “essa menina vai ser sapatão”. A forma que as pessoas torciam também sempre envolvia falar sobre a minha sexualidade, e ao mesmo tempo, de alguma forma, tentar me desestabilizar dentro de quadra usando a minha sexualidade. Eu lembro de viver essa cena e ficar muito envergonhada, como Bianca, de que as pessoas olhassem para essa questão e estivessem falando sobre isso. E aí eu cresci nessa revolta, cresci negando a sexualidade, eu acho que é um processo também de ódio que o mundo coloca em relação às lésbicas, a quem é sapatão. Eu passei por essa fase de odiar que eu fosse uma lésbica, que eu fosse sapatão, até quando cheguei nos 18 anos e ali eu não tinha mais saída senão acolher essa sexualidade porque têm os hormônios e essa coisa de você querer se relacionar. E aí eu fui deixando de lado um pouco o futebol porque aquilo já não era uma possibilidade. Como eu

não tinha sido levada desde criança, já não tinha muito espaço e eu já estava com 18 anos e tinha aquela necessidade de trabalhar, porque eu nasci e cresci na periferia. Então acho que esse espaço foi sendo negligenciado de alguma forma, de muitas maneiras e eu fui escolhendo o caminho que era possível, que foi achar um meio do caminho que era gostar muito de futebol, seguir gostando muito de futebol, mas ter a necessidade de ir para outros caminhos que fossem me descobrir como gente e ao mesmo tempo me colocar nesse mundo como gente porque até então, como Bianca, eu tinha sido tratada de formas muito violentas.

S.G. - Bernardo, ainda sobre o tema das práticas esportivas, além do futebol você praticava outra modalidade?

B.A. - Tinha uma que eu gostava muito, mas que até hoje é um gatilho muito grande também, obviamente, por razões óbvias, que é a natação. A coisa de nadar eu sempre gostei muito, mas conforme o peito ia crescendo, eu ia me colocando nesse lugar da menina, essa prática foi ficando cada vez mais difícil. Colocar o maiô, me lembro dessas interações no banheiro feminino, de um corpo que não estava confortável ali, se relacionando com esses outros corpos. Então eu sempre tive a prática, por exemplo, de ir para as cabines enquanto várias meninas estavam se trocando umas na frente das outras, eu tive a prática de ir para a cabine, não por vergonha delas ou vergonha do meu corpo, mas esse lugar de não me entender ali naquele espaço. E eu sempre gostei muito de nadar, mas infelizmente eu abandonei isso, praticamente, desde a transição, porque é muito difícil. Essa coisa do corpo se colocar como ele é nesse espaço, embora para mim seja racional que eu tenha esse direito, esses gatilhos sempre falam mais alto. Acho que eu não consegui superá-los, porque o que marca o corpo das meninas é isso, é o peito, é a vestimenta. E eu sempre, de todas as formas, tentei esconder isso porque a minha ideia era parecer sempre o mais próximo de um menino. Desde criança, acho que eu tinha esse desejo, na verdade, não é nem fetiche, é o desejo de parecer um menino e toda vez que eu era descoberta como menina, aquilo me causava um sofrimento profundo. E a natação, embora eu gostasse muito, me gerava esse espaço evidente de ser uma menina, e aquilo não era possível para mim e não é até hoje no final das contas. Além de todos os esportes de quadra que eu sempre gostei muito, sempre fui por esse caminho da coletividade e outros esportes eu não tive espaço de investigação também. Na periferia, você tem a escola, você tem uma

quadra, você tem um professor que às vezes deixa as meninas jogarem futebol, às vezes um handebol... Eu lembro que na minha época estava muito comum também aquela brincadeira que se chamava taco que eu adorava e sempre tinha uma garrafa, uma bolinha, a gente brincava muito daquilo. Mas o futebol sempre se sobressaiu em relação a todas essas práticas.

A.S. - Bernardo, eu tenho uma pergunta para te fazer. Eu tenho ouvido grupos de rapazes trans que estão aqui na ESEFID<sup>1</sup> nos projetos de extensão com a gente em uma roda de conversa me chamou a atenção o relato desses rapazes acerca do afastamento do esporte durante o processo de transição. Eu queria ouvir de um pouco sobre como você vivenciou a transição.

B.A. - Eu acho que para falar sobre isso, eu vou fazer esse resgate também, porque dali dos 18 até os 24, 25 anos, que foi o momento em que eu assumi a transição, o que aconteceu comigo foi esse isolamento, que eu sempre chamo de hibernação, porque era tão difícil jogar futebol com menina como sapatão, seja pelas violências, seja pela ausência desses espaços. E eu já era militante nessa época, porque eu entrei na faculdade com 19 anos e com uma revolta muito grande do mundo perante essas violências que eu sofria e que eu sempre anunciei e escancarei para o mundo porque eu nunca achei certo passar por nenhuma dessas coisas, embora eu tivesse muita dificuldade de compreender porque elas aconteciam comigo. E aí, na faculdade, o que foi que eu fiz? Eu tive que fazer uma escolha: ou eu jogava futebol e passava por todas essas violências e arrumava esses espaços porque na faculdade que eu estava sequer tinha esportes para as meninas, nenhum deles existia e só os meninos tinham esse direito meio que garantido. Eu fiz uma escolha de ir por um caminho que era: cara, isso aqui está errado, eu vou ficar aqui sozinha! E eu sempre me trato como feminino nessa época, porque lembrar essa trajetória para mim é muito importante, como uma sapatão, como uma pessoa que estava tentando fazer com que a minha existência não fosse um problema, que não fosse violentada o tempo inteiro. E aí eu lembro que eu fiz uma escolha, ou eu vou jogar futebol e me preocupar com essas questões do esporte, ou eu vou ter que me dedicar para outras causas para tentar resolver esse problema, porque não é justo. Não é só comigo que não é justo, é com todas essas meninas que de alguma maneira tiveram seus direitos ao esporte negados, independente da

sexualidade porque as meninas eram sempre colocadas nesse lugar da fragilidade, nesse lugar do objeto sexual, do desejo sexual, mas nunca como atletas, pelo menos na minha vivência. A minha vivência ali até os 8 anos, eu nunca tinha sido apresentada ao futebol; Copa do Mundo Feminina eu nem sabia que existia. São coisas que a gente vai percebendo, que a gente vai sendo conduzida por uma narrativa que nos nega esse direito à prática esportiva e naquele momento, eu falei: cara, eu vou colocar o esporte de lado e vou tocar umas pautas que eu acho que são razoáveis para resolver o problema que é a pauta feminista. Isso a gente tá falando ali em 2007, 2008. Nem se falava sobre feminismo também e os coletivos não existiam, as meninas tinham muita dificuldade também de se organizar. Tudo era muito difícil e quando você falava sobre feminismo, você era... “Nossa, sai para lá, o que você tá falando, que coisa absurda, isso não existe!” Eu lembro que me dediquei profundamente e consegui encaixar a militância LGBT<sup>2</sup> nesse processo porque eu me sabia feminista e me sabia também lésbica, me sabia também sapatão. E foi uma luta muito grande, acho que foi um processo, assim, da Bianca na minha existência, que a pessoa que eu fui, sempre foi uma pessoa que não teve direito à alegria, à felicidade, à prática esportiva. Sempre foi muito sofrido, todo esse processo que seria normal para uma pessoa hétero, cisgênero, branca, com acesso a repertórios sociais, eu não tinha nada disso. O que me sobrou foi, tipo, eu vou ter que lutar pela minha vida, pelo meu direito de viver e foi exatamente o que a Bianca fez! Quando eu assumi a transição e eu acho que foi um compromisso que eu fiz comigo mesmo e até hoje lembro exatamente o dia que eu prometi isso para mim mesma. Então, eu coloco isso como duas vidas praticamente diferentes porque foram duas vidas diferentes. Eu lembro que eu estava cansada, exausta, e me queixava muito sobre essa ideia de que eu precisava me divertir, eu tinha direito de me divertir. E o que acontecia comigo era sempre esse processo de luta, luta, luta, ser seguida na rua, ser chamada de sapatão. Nessa época eu já não jogava mais porque não existia esse espaço. E eu tinha feito essa escolha também porque toda vez que eu jogava era isso: ser chamada de sapatão e a sexualidade entre as meninas era um tabu muito grande. Embora eu tenha feito tentativas, quando eu assumi a transição, eu disse para mim mesmo: você precisa fazer isso para ser feliz um pouco, faça escolhas para ser feliz. Eu lembro exatamente que a Bianca fez esse compromisso com alguém que estava lá e que eu não sabia ainda quem era, porque é o inominável. O processo de transição foi de muita

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero.



estranheza porque, imagine, você abandonar 25 anos da sua vida com uma pessoa, consolidada, porque não é só um nome. Às vezes a gente fala assim: o meu nome não é mais Bianca. Eu me lembro que eu fiz esse anúncio muito feliz, mas após o anúncio público veio uma tristeza profunda, do tipo, o que foi que eu fiz com a minha vida? E agora, faz o quê? Quem é Bernardo? Como é que constrói isso? Como é que você se identifica com esse nome? Foi um processo de muita tristeza, de muito arrependimento também. Acho que os meninos contam sempre como um processo de alegria, mas é sofrido, porque você tem que construir do zero e enlutar a si mesmo. Acho que quando você fala de mudar o seu nome, você praticamente mata toda uma história e as pessoas não têm muito como te ajudar nesse processo. E eu também não tinha acesso a outras pessoas trans. Eu soube da ideia de ser uma pessoa transgênera, de ser uma pessoa transexual e isso encaixou com uma luva na minha história, mas ao mesmo tempo eu não tinha repertório e pessoas que pudessem me acompanhar nesse processo. E aí foi muito difícil porque acompanhado dessa trajetória, veio também a heterossexualidade. Então agora você é hétero, foi algo que sempre me violentou a vida inteira. E aí agora eu me identificava como hétero. Como que era esse processo? Como era com a minha companheira, que à época se identificava como lésbica, e agora eu não era mais uma menina. Foi um processo muito difícil de várias frentes. E eu acho que o esporte acompanhou esse processo, eu acho que eu não conseguia pensar sobre esporte quando o meu corpo nem se entendia como um corpo no mundo ainda. Então essa possibilidade não veio, ela só foi aparecer quando eu já estava com dois anos de transição porque eu fui atrás, eu fui caçar informação. E muitas dessas informações acabaram gerando muito mais gatilho porque eu já tinha acumulado toda uma trajetória feminista e uma discussão muito profunda sobre gênero. Naquela época, eu não tinha essa divisão, né, porque não é tão simples. Hoje em dia, a gente sabe como isso não é tão simples, se fala mais sobre isso, mas naquela época não tinha essa divisão. O que é sexualidade, o que é identidade de gênero, o que é gênero. O mundo não é justo para as mulheres e vamos discutir sobre isso. Tinha alguns acessos, já tinha um repertório sobre gênero muito formatado, mas ao mesmo tempo, eu não entendia nada sobre isso. Eu ouvia algumas coisas de outros meninos que estavam passando pela transição e era muito assustador para mim, porque eu falava... Gente, eu fiz todo um trabalho aqui, por exemplo, de aceitar o meu corpo como ele é. De entender que a minha menstruação não é uma coisa nojentas. De entender que as mulheres não são nojentas e que elas não só servem pra reprodução. Eu estava começando a entender tudo isso e aí veio

uma masculinidade que tentou se impor na minha existência. Que eu falei, cara, isso aqui não vai funcionar para mim. Não vai dar para ser assim, né. E os meninos têm uns jargões, que é “monstruação”. E aquilo para mim era assustador. Como assim? Eu passei todo um processo aqui para gostar dessa ideia de que eu menstruo, de que o útero não é uma coisa horrorosa e que não fede, etc. e tal. E aí, agora eu vou chamar isso de monstruação? Ou o peito, que a maioria dos meninos chama de peito de intruso. E eu, tipo, fiz um trabalho de aceitar que o meu corpo era aquele que estava tudo bem, que não tinha um problema ser quem eu era. Então, foi esse processo de luto, ao mesmo tempo de muito questionamento. E aí, em 2017, eu tinha acabado de começar a tornar harmônio. E eu falei, cara, preciso buscar alguma coisa para fazer. E nessa época, o Facebook era muito mais forte. Eu encontrei um time de futebol, que é o Meninos Bons de Bola, e aí eu falei: cara, acho que é isso. Eu vou voltar nesse espaço e ver como é que eu me comporto. Vou encontrar essas outras pessoas que estão lá porque até isso era uma estranheza pra mim. Quem é que vai estar lá? Quem são essas pessoas? Porque eu estava em um universo tão esquisito para mim ali naquele momento de não saber, de desconhecimento, que eu falei: eu preciso encontrar com essas pessoas e entender quem são essas pessoas, qual é a história delas. E eu me lembro que nessa época, os meninos jogavam no Carandiru<sup>3</sup> e eu fui até lá com o corpo fechado. Você vê que a minha forma de chegar estava sempre muito tensa, e aí, eu fui percebendo, caraca, velho, tem um monte de gente como eu. E como é importante estar com essas pessoas, como é importante entender esses corpos, enxergar esses corpos. Porque é muito diferente você ver uma foto de você jogando e você olhar e ver outras pessoas que têm o processo de vida parecido com o seu. E que você vê que essas pessoas estão jogando e que você pode jogar também. E aí, naquele momento, foi uma cisão na minha vida, e falei que nunca mais ia abandonar o futebol porque é uma coisa que eu amo. Sabia que ia precisar de muito tempo para me entender, que não seria um processo fácil, não seria simples. Naquele momento, nós todos éramos muito diferentes. Acho que todo mundo também estava começando. Hoje a gente percebe que tem um monte de gente chegando e começando e eu acho que o esporte tem esse poder, no final das contas, de identificação. De você perceber que você precisa falar sobre alguns assuntos, que não dá para você ficar só com eles para você ou pata falar com a sua psicóloga. E que essa socialização, seja onde for, é necessária, é essencial para que a gente se entenda como gente nesse mundo e perceba que tem dignidade e que a gente pode buscar essa alegria no

---

<sup>3</sup> Bairro da cidade de São Paulo.

mundo. Acho que a gente sabe o quanto é difícil ser uma pessoa trans no Brasil por inúmeras razões. Acho que a gente está falando de um sistema que é muito perverso, que nos invisibiliza o tempo inteiro, além de nos violentar, no caso das mulheres trans e que estão na prostituição. Assassiná-las. E a gente esquece que a gente tem o direito à prática esportiva é uma alegria, no final das contas. E quando você está em coletivo, jogando, nem é mais sobre competição, nem é mais sobre alta performance. Quando você está ali naquele coletivo, você tem a possibilidade de se lembrar disso. Acho que é um lembrete. Toda vez que eu vou treinar, eu tenho o lembrete do quanto é bom estar aqui com essas pessoas, que é bom jogar futebol com essas pessoas. E que bom que a gente tem o direito de se divertir porque o tempo inteiro a gente se esquece disso. Acho que para outros meninos também é o mesmo caminho, o direito à prática esportiva lembra a gente que a gente tem o direito à vida.

S.G. - Bernardo, quando você entra neste grupo tu já tens uma militância consolidada e também uma discussão aprofundada sobre as questões de gênero. Como foi a tua aproximação com os meninos?

B.A. - Eu acho que eu fui aprendendo também porque felizmente eu fui para uma universidade pública e a gente sabe o quanto o acesso à educação é fundamental nesse processo. E eu aprendi tudo isso na universidade, eu tive acesso a todos esses conhecimentos na universidade, seja com professores, seja através da militância estudantil e dos diretórios acadêmicos. Tudo isso vai formando a gente como gente e lembro que eu saí da escola com muita revolta. Do tipo, o que eu vou encontrar aqui? Porque a revolta por si só, ela não resolve muitas coisas, você ser só revoltado não te ajuda em muita coisa. E aí, eu lembro que eu cheguei na faculdade com muita revolta e fui encontrando essas pessoas que foram me dando esses acessos pouco a pouco. Eu fiquei na universidade durante seis anos e nesse período foi um processo de militância, muito mais fora da sala de aula do que dentro. A gente sabe que as disciplinas, elas nos ensinam muito, mas é a vivência e a socialização ali no espaço universitário que faz com que a gente se formate, se empodere politicamente. Eu sempre fui atrás do que queria, sempre estive na periferia e sempre estive conectado com a periferia. Tanto é que, como militante, como Bianca, a gente tinha coletivos autônomos. A ideia de coletividade, para mim, sempre foi uma coisa muito tranquila porque eu nunca me vi fazendo nada sozinho. Acho que isso também fala muito

sobre quem eu sou. E aí, quando eu cheguei no futebol, eu encontrei uma cena muito diferente que é um choque de classe, por mais que ainda fosse periférico. Eu percebi que ali dentro da periferia existem milhares de periferias, com muita gente que vai ter acesso, com outras tantas que não vão ter acesso. E um choque também do que se entendia por masculinidade porque, ao contrário do que eu estava fazendo, os meninos estavam desejando essa masculinidade que eu estava questionando. Então, rolou vários choques ali e eu tentava me colocar: “Cara, você é muito machista!” Tem alguns relatos meus lá do início da transição, em 2017, falando sobre isso inclusive. Do quanto me era assustador que meninos trans estivessem, sei lá, chamando mulheres de gostosa na rua, sabe? Como assim, né? Como assim, cara, você não tem um pênis no meio das pernas! Como você está tendo esse comportamento machista? Você já passou por isso, você foi violada enquanto uma lésbica no mundo. E agora você tá reproduzindo isso? E muito desse questionamento também era de que meu peito não é um intruso, eu não tenho uma “monstruação”, isso é o que os homens fazem com a gente. Não podemos fazer a mesma coisa, entendeu? Eu me lembro que esse choque se dá e de eu ser lido como uma pessoa muito arrogante, acadêmica. Mas eu via a heteronormatividade e o machismo comer solto, porque a gente está falando de um espaço de futebol que vai induzir os meninos. E qual era o repertório que eles tinham? E eu questionava muito esse tipo de postura e temia não ser compreendido, porque eu sei o quanto o espaço universitário e vai formatando a forma como a gente fala. A gente vai aprendendo certos jargões, certas formas de se comunicar que não é o mesmo jeito de se comunicar da periferia porque são vivências muito diferentes. E o que aconteceu comigo foi isso e essa coletividade, de alguma maneira, me rejeitou nesse lugar e me colocou em um lugar do tipo, ele é assim mesmo, arrogante! E eu custei muito tempo a entender como é que se fazia isso. Quando eu chego no T Mosqueteiros<sup>4</sup>, já com muito mais bagagem, isso vai sendo diferente porque os meninos começam a falar certas coisas e, ao invés de bater de frente, eu ia mostrando as coisas para eles de outro jeito. Isso acontece com muito custo até hoje, o tempo inteiro a gente tá passando por isso. Então, quando acontece alguma coisa dentro de campo, os meninos já querem ir um para cima do outro, aquela coisa bem da virilidade e a gente sabe que são existências que estão tentando se firmar no mundo, e que muitas vezes não pensam o que significa ir para cima de outra pessoa, o que significa falar um jogo de comadre ou o que significa falar que as meninas não jogam nada. Oi coisas tipo “isso aqui é jogo de

---

<sup>4</sup> Sport Clube T Mosqueteiros, do time de futsal amador transmasculino.

menininha, vocês estão parecendo menininha jogando!” Palavras como misoginia, machismo são ainda palavras que nem todo mundo tem acesso e eu entendi que me cabia explicar para essas pessoas o que significava isso, mesmo que no momento tenha explodido e falado essa palavra. Então, eu vejo um coletivo se transformar o tempo inteiro e os meninos também mudaram muito desde 2017 para cá, porque a gente tem falado mais sobre essas coisas e tem tentado negociar outras masculinidades. Hoje eu consigo fazer essas negociações de masculinidade e de escolher que masculinidade eu quero construir, porque eu conquistei essa masculinidade, entende? A gente só consegue negociar com alguma coisa que a gente tem. Eu me lembro que naquele começo, os meninos também sem barba, com voz feminina, sendo tratados no feminino o tempo inteiro. No final das contas, eles estavam tentando impor uma masculinidade tal qual o mundo apresenta, do jeito que dava onde o machismo, a misoginia e a heteronormatividade faziam parte daquele combo. Agora que muitos meninos conquistaram esse lugar e são respeitados nesse lugar perante a sociedade, a gente começa a pensar como a gente negocia, como a gente brinca entre nós, como o corpo deixa de ser uma questão determinante. Hoje em dia, todo mundo passa a mão na bunda um do outro na brincadeira e ninguém liga. Eu fico pensando em 2017, como seria lidar com isso: “viado, sai daqui, sai para lá e não sou viado, não é? Hoje em dia, a gente negocia muito essa masculinidade porque a gente conquistou, porque a gente tem ela para negociar. Não tem como você negociar alguma coisa que você não tem. Eu acho que esse processo de ser reconhecido como Bernardo, de ser entendido como Bernardo, e dos meninos também, vivendo ali em coletividade, tem muito a ver com essa conquista de masculinidade que depois que você conquistou, você faz um processo de lapidação. E aí você vai entendendo quem é o Bernardo, qual é a masculinidade do Bernardo, qual é a masculinidade dos meninos que estão ali convivendo no T Mosqueteiros. Enfim, acho que o processo se dá por assim, essa é a minha experiência.

A.J. - Bernardo, que lugar o futebol ocupa na tua vida hoje?

B.A. - Nossa, eu acho que é muito difícil falar sobre o futebol porque toda vez que a gente fala dá a sensação de que é aquele que a gente torce, que é aquele que a gente é apaixonado. Eu gosto muito do Corinthians, mas assim esse futebol nunca me prendeu. Ele nunca fez parte da minha vida, ele nunca foi a referência da minha vida. Eu acho que como Bianca também não. Hoje em dia eu me conecto muito com o futebol das mulheres,

e estou dizendo esse futebol porque ver as meninas jogarem me arrepiam porque me faz lembrar o quanto eu não tive esse acesso. Penso que se a Bianca tivesse tido esse acesso, como as coisas teriam sido diferentes, como eu mesma teria chegado na minha mãe e falado: “cara, eu quero ir para uma escolinha, eu quero, me ajuda!” Eu teria feito essa escolha, eu teria pedido essa ajuda. Então, quando eu vejo as mulheres jogando, eu ouço a história das jogadoras, essas coisas me conectam muito e me colocam em um lugar de pensar que a gente precisa fazer com que esse futebol esteja no mundo. Mesmo que não seja mais o meu futebol porque eu não sou mais lésbica e não me identifico mais com a Bianca, mas tem esse lugar de me arrepiar mesmo, profundamente. Acho que agora, o futebol que é o que ocupa o espaço, o futebol que ocupa a minha vida é um outro futebol, que é o futebol dos meninos trans. Eu respiro o futebol dos meninos! Como organizador do T Mosqueteiros, ontem a gente fez uma graça para os meninos que é com o Halloween, a gente fez um vídeo de Halloween, sabe? Então, eu tenho meu trabalho CLT<sup>5</sup> e eu tenho o futebol. São as duas coisas que eu respiro, onde eu estou o tempo inteiro. Tipo, como é que eu vou pagar minhas contas? E depois o resto do meu tempo é, tipo, o que eu vou fazer para os meninos? Como que vai ser esse futebol? Como que vai ser o campeonato? Puxa, será que os meninos têm coisa para levar para comer? Como que vai ser estar com outros times? Que futebol é esse que a gente está construindo? Eu estou o tempo inteiro pensando nisso. E é muito massa viver isso porque é uma coisa muito artesanal. A gente está construindo esse negócio e é uma coisa que eu tenho muita dúvida também porque a gente tem feito um processo de nos separar dos outros futebolis. A gente já não disputa mais com meninos, com outros homens cisgênero porque a gente não vê ali espaço para existir. E eu tive uma experiência disputando com homens cisgênero e muito do que aconteceu nessa experiência foi precisar ficar brigando o tempo inteiro, sabe? Ficar disputando espaço o tempo inteiro porque o juiz tratou a gente como feminino. Não a mim, mas outros meninos do coletivo que estão começando, que ainda têm peito. Às vezes eu percebo os olhares quando eu coloco o top, porque eu jogo de top, e fica um volume porque eu tenho peito. E é isso, é a vida. E aí, os olhares dos juizes, das outras pessoas, ninguém anuncia, é uma coisa bem velada e você percebe que tem alguma coisa ali de estranhamento para quem está tocando aquele campeonato. E pessoas que não estão próximas dessas vivências... Quando a gente foi disputar campeonatos com outros homens cisgênero, mesmo que gays, a gente sofreu muita violência porque são vivências muito distintas. O que homens

---

<sup>5</sup> Consolidação das Leis de Trabalho.

cisgênero e gays estão buscando é muito diferente do que a gente está buscando. Então a gente viu essa necessidade de separar, embora eu não saiba se isso é a melhor resposta, porque parece que separar é nos colocar em um lugar também de exclusão. Mas a gente sentiu essa necessidade de estar entre nós para que a gente pudesse se empoderar, para que aquele futebol trans pudesse nascer e a gente pudesse ter espírito de competitividade. A gente tá falando de times que hoje jogam em um nível de competitividade que os jogos não passam de 3 a 0. Quando a gente jogava com os homens cisgênero, era 20, 25 a 0. A gente era entendido entre os outros times cis, de homens gays, na Ligay<sup>6</sup>, por exemplo. Éramos o time para fazer saldo de gols e se garantir nas fases eliminatórias. É muito triste que a gente não consiga ainda estar entre os homens cisgênero e que, para mim, não é uma questão de diferenciação do corpo ou de quem é mais fraco ou quem não é. É uma ausência de socialização! Esses meninos, ainda que gays, a maioria deles teve uma socialização que a gente não teve. A gente tem que estar preocupado se vai sobreviver no dia seguinte sendo meninas. Ainda tem essa diferença, porque como menina, essa socialização, ela não aparece do nada. A maioria das mães não entregam uma bola na mão das filhas, não é? Existe todo um machismo posto, ao contrário dos homens cisgênero gays, que desde cedo são incentivados a jogar bola. Você tem que fazer isso mesmo que seja afeminado. Existiu uma socialização forçada ali, de alguma maneira, que vai garantir a esse corpo, no futuro, certa coerência com o seu corpo dentro de quadra, e que os meninos trans estão ainda aprendendo. A gente joga com o ombro pra frente, tentando proteger e mostrar o menos possível o peito. E eu acho que essa divisão faz com que vá um pouco mais aberto para jogar futebol porque você fala: “cara, eu sou tão bom quanto esse cara aqui, então, vamos jogar bola, vamos ver o que vai acontecer, vamos ver quem vai ser o melhor dentro de campo”. Enfim, vamos ver o que vai acontecer com esses outros futebóis. Então, hoje, eu respiro isso, eu vivo o tempo inteiro pensando como que a gente pode construir esse outro futebol porque eu acho que a gente ainda não conseguiu construir. A gente pega muito repertório ainda desse futebol *mainstream*. É o padrão e a gente briga ainda de um jeito muito parecido com os homens cisgênero. A gente ainda tem disputas que não são as mais leais possíveis. Você sabe que é um jogo mais violento, mais truncado, e a gente está falando da masculinidade e da virilidade desses homens e eu vejo a gente reproduzindo isso no futebol trans. Mas eu acho que a gente vai ter que passar por isso. São fases e são construções. Como eu disse, a gente não tem como negociar o futebol, sendo que a gente

---

<sup>6</sup> Ligay Liga Nacional de Futebol.

não tem ele ainda, entende? Ele não nos pertence! Quando ele nos pertencer, quando ele for um espaço também aberto a nós, eu tenho certeza que a gente vai conseguir, aos poucos e muito vagarosamente construir esses outros futebolis que a gente tanto deseja e que a gente tanto espera. E é isso que eu tenho que fazer, como militante, como pessoa. Eu penso muito no coletivo porque eu sei que eu estou ficando mais velho. E como a gente faz para que esse espaço seja cada vez mais aberto às crianças trans, às transmasculinidades, às transfemilidades? Como que a gente faz para esse futebol ser mais inclusivo? Acho que ele não é ainda, mas a gente tem, a duras penas, galgado esse lugar, estado nesse lugar, disputado esse lugar, criado a necessidade de ter uma frente de times trans, seja em qualquer esporte que for. Acho que o futebol foi a abertura para isso, mas hoje a gente tem o basquete. Eu acho que é só o futebol e o basquete ainda exclusivo para as pessoas trans. Vôlei tem bastante, mas muito mais com as mulheres trans e as transfemilidades. E as transmasculinidades estão nascendo e essas modalidades estão emergindo. No MMA<sup>7</sup> também alguns meninos estão fazendo essa prática, mas não é coletivo. Enfim, acho que a gente está entendendo que a gente pode colocar o nosso corpo no esporte, que tá tudo bem, que a gente vai enfrentar muitos problemas, mas que a gente tá junto para lutar essa batalha.

S.G. - Bernardo, eu gostaria que você falasse sobre a sua aproximação com o T Mosqueteiros e também como o Museu do Futebol, instituição que te convidou para compor o grupo de curadoria da nova exposição permanente.

B.A. - Eu acho que toda essa vivência política, e eu não vou negar isso aqui, me fez ser uma pessoa muito ética, porque não tem como você ser militante e ser antiético no sentido de não lidar com a honestidade, com a transparência, esses são valores muito caros para militância. Acho que é por isso que, como militante, eu também sempre fico receoso de me projetar como *influencer*, como qualquer coisa desse tipo, porque são lugares que para mim não conversam muito bem. A militância raiz para mim, aquela lá de 2018, é aquela do enfrentamento, do questionamento, do tipo, eu vou falar e eu não quero estar preso, e que a gente sabe que, ao contrário dos *influencers*, que têm contratos assinados, você não pode falar determinadas coisas, você não pode falar de determinados jeitos. Eu sempre tive muitos questionamentos sobre essas duas coisas. E aí, enquanto eu estava no Meninos

---

<sup>7</sup> Mixed Martial Arts.



Bons de Bola, aconteceram algumas coisas que eu acho que, eu não nego para ninguém, são coisas importantes que falam também o quanto o universo trans é complexo, porque a cisgenderidade, de alguma maneira, tenta sempre reduzir as pessoas trans à sua identidade de gênero. Algo como: são pessoas que sempre sofrem, coitadinhas, mas que agora são super felizes! Existe uma tentativa dessa narrativa cisgênero de criar uma história única sobre quem a gente é, que sempre foi muito problemática para mim. E dentro da coletividade que eu estive, como uma coletividade de seres humanos e complexa, eu vivi todas essas complexidades. Eu sempre fui muito apaixonado pelo Meninos Bons de Bola, porque foi o que me conectou com esse mundo de novo, mas também me desconectou, ao passo que esses valores não estavam tão bem colocados ali e eu não consegui encontrar espaço de transformação no Meninos Bons de Bola. E o que aconteceu comigo é que eu me entristeci profundamente porque eu fiz a escolha de sair do Meninos Bons de Bola e foi um processo de idas e vindas, porque era uma coisa muito preciosa, muito cara e ainda veio a pandemia. E aí eu fiquei dentro de casa, vivendo essa vida de trabalhar, trabalhar, trabalhar, e meu Deus do céu, olha o que está acontecendo no mundo. Como militante a gente sabe o quanto a gente se conecta com o todo, então, as questões que estão acontecendo no mundo, elas não são alheias a nós e eu sempre me coloco nesse lugar de falar isso para os meninos, do tipo, cara, não tem como você só pensar na sua identidade de gênero. Olha o tamanho desse mundo, olha a complexidade desse mundo. Eu entendo que é um marcador importante, mas eu entendo também que ele tem que estar conectado com outras frentes. Não dá para você defender a sua identidade e não falar, por exemplo, sobre a Palestina, sobre os direitos humanos. Não tem como você fazer essas discussões em separado e, para mim como militante que foi forjado ali, quando a gente não tinha internet, quando esses acessos não eram tão abertos, para mim, o pensamento sistêmico não está descolado. A branquitude do Bernardo como uma pessoa branca, não está descolada dos outros meninos que não são brancos e que passam por revista da polícia que eu não passo, enfim, não tem como eu fugir dessa discussão. E eu acho que no Meninos Bons de Bola eu tive muita dificuldade de emplacar tudo isso e muita dificuldade também de conectar os valores da militância com tudo isso. E está tudo bem porque eu acho que as pessoas trans são complexas. O Meninos Bons de Bola segue aí vivo, segue fazendo o seu trabalho e eu fui encontrar com outras coletividades. A pandemia veio, todos os coletivos sofreram devastadoramente, a gente não conseguiu se manter ativo, muitos desses coletivos se desfizeram e a gente estava em um processo de vários times nascerem em 2019. Emerge

um monte de futebol trans em 2019, que meses depois são desfeitos e que não tiveram nem a oportunidade de construir as suas histórias. O T Mosqueteiros nasceu em 2019 e participou de um campeonato com o Meninos Bons de Bola, inclusive. Daí chegou a pandemia, arrasou com tudo, muitos desses coletivos se desfizeram e uma das pessoas que fundou o T Mosqueteiros foi embora de São Paulo. Aquilo era um sonho que ficou ali perdido. Não fui só eu que saí do Meninos Bons de Bola, vários meninos também saíram por essas discordâncias políticas e táticas mesmo, de como a gente estava fazendo o processo, e aí em 2021, vira e mexe a gente se juntava em grupo do WhatsApp, para combinar de jogar uma bola. A gente não estava mais no Meninos Bons de Bola, mas queríamos jogar, e de uma forma muito orgânica a gente estava tentando dizer que aquilo era importante para a gente, que queríamos continuar aquele negócio, só que não sabíamos a como, porque a gente também não tinha esse ímpeto. Na época eu estava muito conectado com o trabalho, tipo, meu, como é que vai ser esse negócio, formar um time do zero, não dá, não sei, vamos ver, sempre fui postergando. E aí, o Matheus Oliveira, que é um parceiro, me colocou em um grupo e falou assim: “Cara, tem uma possibilidade aqui da gente tocar um time, e aí como é que vai ser? Você vai vir ou você não vai?” Me chamou na xinxá mesmo e eu falei: “Meu Deus do céu, tá bom, vamos lá.” Eu me lembro que nessa época a gente tinha, tanto que hoje é isso, a rivalidade T Mosqueteiros e Meninos Bons de Bola está posta, é um negócio como Corinthians<sup>8</sup> e Flamengo<sup>9</sup>, a gente sabe o quanto isso é legal às vezes, o quanto é problemático também, da gente estar indo por esses caminhos, mas essa rivalidade está posta. E eu topei e na minha cabeça nessa época eu pensava: cara, eu quero fazer tudo diferente porque eu tinha acumulado muita experiência com Meninos Bons de Bola que foi um lugar que me ensinou muito também. Não posso ser ingrato de achar que não me ensinou absolutamente nada, ao contrário. Eu aprendi muito no Meninos Bons de Bola e eu estava sendo convidado para construir uma outra coletividade, praticamente do zero, só que não dava para cometer os mesmos erros, não ter as mesmas inocências que eu vivi quando estive lá. Eu fui muito pé atrás, mas com muita vontade também, porque eu encontrei outros meninos trans e que estão nessa coletividade comigo até hoje, meninos que sonhavam em fazer um negócio grande, sonhavam em ser um time grande. Meninos que sempre entenderam a coletividade, não como, eu sou o dono, eu que fundei, eu isso, eu aquilo, mas entenderam a coletividade como uma coisa que está

---

<sup>8</sup> Sport Clube Corinthians Paulista.

<sup>9</sup> Clube de Regatas do Flamengo.

no mundo. Cara, é algo que está no mundo e a gente tem que fazer esse negócio crescer, porque se acontecer alguma coisa com a gente, essas pessoas vão tocar essa iniciativa porque elas amam esse negócio, elas sabem a importância de ter isso aqui no mundo. Eu acho que eu e o Tatto Oliveira que somos as cabeças dessa comissão do T Mosqueteiros hoje, a gente tem muito essa ideia de que a gente está fazendo para mundo. E aí vem uma curiosidade, porque o Tatto, por incrível que pareça, é do PSDB e eu não sabia disso. Eu sempre fui militante de esquerda, declaradamente de esquerda e o Tato é apenas do PSDB<sup>10</sup>, isso quando o Lula<sup>11</sup> nem estava junto com o PSDB, nem estava com o Alckmin<sup>12</sup> ainda. Isso me bateu em um lugar que eu falei: “Cara, faz o quê agora, né? Cara da direita, homem trans, faz o quê?” E eu me lembro o quanto foi difícil para mim superar essa narrativa, e a gente sentou e conversou, e ele falou, e ele me explicou o que que significava ele ser do PSDB. Ele é um cara que entende que estando dentro dos espaços políticos, mesmo que de direita, é uma forma de garantir os direitos das pessoas trans, e ele está lá por essa razão. No final das contas, eu entendi ele muito mais de esquerda, se ele me ler em algum momento, ele vai ficar possesso comigo, porque eu entendi que ele era muito mais de esquerda do que de direita. Daí decidi tocar em frente com esse cara e que estava tudo bem. E o T Mosqueteiros é um sucesso, né? E ele é multitarefa também. Eu sou professor, ele é maquiador profissional, trabalhou no SBT há muito tempo e eu nem sabia, a gente vai se descobrindo ao longo do processo. Ele falou: “Você sabe que eu sou maquiador profissional?” Eu falei: “Não acredito, sério?” Agora mesmo, no Halloween, a gente fez um vídeo para os meninos. Ele comprou um sangue artificial, umas coisas e a gente fez porque é isso, a gente é isso, a gente é muito coração, e a gente quer passar isso para os meninos, pra que eles entendam que vamos tocar esse negócio do jeito que a gente conseguir. Eu acho que o mote do T Mosqueteiros, é lembrar os meninos de que a gente pode ser feliz, que a gente tem direito a ser feliz e que, independente do que está acontecendo com a gente no mundo, isso não é nenhuma fala pelega, mas no sentido de cara, a gente já se fodeu tanto, a gente se fode tanto, quando a gente estiver entre nós, vamos fazer isso aqui ser divertido, vamos nos divertir. E a gente está para competir, porque a gente é muito competitivo também, mas a gente sabe o quanto quer se divertir, o quanto quer estar junto. Esse ano a gente perdeu todos os campeonatos, a gente ficou em segundo ou em terceiro, e a gente está aprendendo cada dia mais a comemorar, porque a

---

<sup>10</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>11</sup> Luiz Inácio Lula da Silva.

gente está em todos os lugares. O T Mosqueteiros hoje é uma referência para todos esses times, várias pessoas procuram a gente falando que queriam ter um T Mosqueteiros. Então aqui, a gente ajuda outros times a nascerem e depois de 2021 a gente voltou com essa força porque antes tinha só o Meninos Bons de Bola e é muito perigoso ser um único time, não é? Parece que é uma coisa assim, só de vaidade, de disputa entre times, mas é muito perigoso ter um time só, porque as outras pessoas percebem que elas não fazem parte daquilo. Então a gente passou 2016 até 2019 sem ter outros times, só com uma narrativa aparecendo. Hoje em dia é um negócio que, pelas minhas contas, já são mais de 20 times. E a gente viu isso acontecer depois da pandemia, em 2021, quando a gente coloca o primeiro campeonato no mundo, que foi aquela rivalidade toda, onde o T Mosqueteiros ganha do Meninos Bons de Bola, porque era a coisa, eles eram o prestígio. E aí entra a história desse time, do T Mosqueteiros que, com meses de retorno, vai lá e ganha do Meninos Bons de Bola. A gente gravou live, a gente fez uma festa, levou torcida, tinha hino, a gente fez a porra toda. E nesse momento, o que acontece na internet quando a gente grava? A gente dá a possibilidade para outros meninos falarem: “Caraca, velho, eu vou fazer um time aqui na minha cidade, porque eu quero um campeonato desse aqui, eu quero sentir essa emoção, de ganhar, de ter essa coisa de volta do futebol.” Porque antes, como meninas, a gente tinha e a gente perdeu isso no processo da transição, e aí, em 2021, a gente marca a história do futebol trans nesse sentido que é: caraca, a gente pode fazer um campeonato e pode fazer esse negócio ser muito legal. Tinha só dois times, que era o T Mosqueteiros e Meninos Bons de Bola, mas no ano seguinte, é uma explosão de times. Em 2022 teve a Taça da Diversidade<sup>13</sup>, e com o Núcleo Trans tinham cinco times trans, nenhum jogando *society*. E a gente vê que é uma cena que só cresce, porque quanto mais a gente expõe isso na internet, mais os meninos começam a perceber que podem. Muitos meninos mandam mensagens, e na mesma hora, a gente vai lá e responde sugerindo que faça um time em sua cidade porque a gente precisa criar uma liga nacional desses times todos. A gente, em algum momento, tem o sonho de encontrar esses tantos de 20 times, mas falta recurso. A gente está discutindo agora um processo de se formalizar enquanto uma CNPJ<sup>14</sup> coletiva e todo esse time tem direito e poderes de voto, e a gente fazer um negócio coletivo, porque a gente está cada vez mais sentindo a necessidade de descolar das iniciativas dos homens gays, que é muito importante, que é muito potente, mas porque não

---

<sup>12</sup> Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho.

<sup>13</sup> Torneio realizado na cidade de São Paulo. Reúne times de futebol de pessoas LGBTQIA+.

conversa com as nossas necessidades que são muito diferentes. Uma coisa é o futebol cis, de homens gays que conseguiram uma colocação profissional, que tem acesso e recurso para viajar pelo Brasil inteiro e jogar bola. Outra coisa é pagar para jogar bola. Outra coisa são os meninos trans e a gente está falando de gente que nem é alfabetizada direito. A gente tá falando de pessoas que são entendidas a empregos subalternos e que ganham muito pouco dinheiro e que não têm condição de se manter e de manter o futebol. Por isso a necessidade desses coletivos e a necessidade da gente se organizar cada vez mais para ter acesso a esses recursos públicos. E a frente que eu faço, é uma frente de escrever projeto, de falar sobre essas questões, e o Tato, esse parceiro, é o cara que está lá na política pública. O cara agora trabalha na Secretaria LGBT<sup>15</sup>, na Coordenadoria LGBT da cidade de São Paulo, pautando essas questões, e não só pra T Mosquiteiros, mas para todo mundo. Eu fui percebendo, enquanto Bernardo, que é muito importante a gente estar em todas essas frentes, é muito importante ter time em tudo quanto é canto do Brasil e que é muito importante que as crianças percebam isso e se coloquem cada vez mais nesse lugar de alto rendimento. Acho que o esporte está sempre muito fechado com essas caixas, com essas divisões, tipo isso aqui é do masculino, isso aqui é do feminino. E o que a gente faz com pessoas trans? Onde coloca? Proíbe? Não proíbe? Então eu vejo um diálogo muito conectado com o futebol das mulheres, que foi proibido e, ao mesmo tempo, a gente está tentando explodir essas caixas e ver o que vai acontecer, porque o futuro a gente não sabe. A gente sabe o que a gente sonha, mas o que vai acontecer, efetivamente, a gente não sabe. E eu acho que o T Mosquiteiros tem esse espaço político, muito bem desenhado e delimitado. E onde eu estou também, no Museu do Futebol, e em todas as palestras que eu faço, tenho defendido essa pauta, essa explosão dessas caixas para gente tentar construir não só outros futebóis, mas outros esportes também. Como que a gente constrói esportes e práticas esportivas saudáveis para as pessoas, porque a gente sabe que não estamos mais saudáveis. Veja tudo que a gente tá passando, as pessoas têm falado muito sobre saúde mental. Como que a gente faz isso da perspectiva trans e como que a gente faz com que, da perspectiva trans, se torne um exemplo e uma referência para o resto do mundo, referência de que o esporte não é só alto rendimento, que é socialização, é você estar em coletivo, é você sonhar outras possibilidades. Eu acho que o esporte nos ajuda a destravar muitas coisas da nossa vida pessoal, traumas, ajuda também, quando a gente tá falando de alta

---

<sup>14</sup> Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

<sup>15</sup> Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, da Prefeitura de São Paulo.

performance, a ser o nosso trabalho, aquilo que a gente ama, mas também ajuda a gente a construir outro mundo. Acho que juntar as pessoas e a gente junta nações, claro que isso tem milhares de problemáticas, mas acho que a gente tem cada vez mais entendido a importância de estar conectado com esse planeta, de respeitar outras bandeiras, de respeitar outras pessoas. Não é à toa que hoje a gente está discutindo tanto sobre racismo. Essas coisas emergem no futebol e emergem no esporte porque o esporte é uma fatia da sociedade e quando a gente olha o esporte como esse lugar de potência, como esse lugar de possibilidade, de construção de mundo, eu acho que a gente tem muito a ganhar. Então, eu acho que o T Mosqueteiros é mais uma areiazinha nesse universo inteiro, e a gente está tentando fazer a nossa parte aqui e da melhor maneira possível.

S.G. - Bernardo, o que dizer depois disso tudo? Que delícia te ouvir e aprender contigo. Tenho uma pergunta que eu nunca te fiz: Que posição que você joga?

B.A. - É muito doido falar sobre isso, é muito legal você ter perguntado porque a gente também chega no futebol meio que sem saber muito. A gente fica tão perdido, tão assim, como que eu vou voltar a fazer isso? E tem uma dificuldade mesmo de autoestima, sabe? O trabalho que o T Mosqueteiros faz é muito nesse sentido também. Eu comecei a jogar no Meninos Bons de Bola como goleiro, porque pensava que era o lugar que me cabia. Eu nunca fui goleiro, Silvana, nunca. Mas a coisa da transição mexeu tanto comigo, com a minha autoestima e com a pessoa que eu era mesmo. Eu estava tão abandonado, porque é isso, eu estava em um processo de luto quando eu cheguei no Meninos Bons de Bola. Eu não sabia quem era o Bernardo. E aí eu falei; “Acho que vou ficar aqui, escondidinho.” O goleiro é muito importante e tal, mas foi o lugar que eu me coloquei e eu nunca fui goleiro. E é doido pensar sobre isso e foi antes da transição, foi em 2019. Nas minhas idas e vindas do Meninos Bons de Bola, chegou um professor trans, a gente tinha um técnico que era trans, e era engraçado porque a gente não sabia mesmo as nossas posições, não tinha ninguém pra dizer isso para a gente. Aí ele viu que o menino que jogava na zaga era um ótimo goleiro e que eu, como goleiro, era um ótimo zagueiro. E aí, o que aconteceu? Ele trocou as posições. Ele falou: “Gente, o que vocês estão fazendo? Eu não estou entendendo porque vocês estão jogando nessas posições.” E aí eu me descobri como um excelente zagueiro, como um excelente fixo. E hoje, eu jogo nessa posição, eu sou titular nessa posição, porque é isso, você vai se desenvolvendo e eu sou uma pessoa muito disciplinada

com o T Mosqueteiros, eu sempre treino. Eu sempre estou lá. Os moleques, assim, eu até eu brinco com os meninos, que eu queria um dia que eles não falassem o meu nome uma vez, porque é toda hora, Bernardo, Bernardo, Bernardo, Bernardo! E a gente brinca muito disso, tipo, vamos se empoderar desse coletivo, que não é só o Bernardo quem faz, certo? Mas eu me descobri um ótimo zagueiro e jogo nessa posição até hoje. Tenho feito um trabalho porque a gente sabe que nem o amador é recreativo. Mas a gente tem feito esse trabalho de ajudar outros meninos a se descobrirem nas suas posições, a entender sobre a tática do futebol, porque isso também nos foi negado como meninas, lá atrás. E a gente carrega a mesma coisa. Então, chegam meninos no campo que não sabem as posições, as estratégias, não sabem absolutamente nada, que a gente tem que ensinar do zero. E às vezes ficam até tímidos, mas não tem problema não saber porque aqui a gente te explica. A gente tem um trabalho ali com a nossa técnica e a gente também aprendeu a repassar essas informações, porque não é algo trivial para gente. Mesmo que a gente seja menino hoje em dia, e que isso seja esperado, que a gente saiba, muitos dos meninos não sabem e a gente tem que parar o jogo para explicar. Como que você vai deixar a pessoa perdida ali? Tem que explicar, não é? E a gente faz esse trabalho, acho que com muito esmero, uns com mais paciência do que outros. Mas a gente tenta ajudar todo mundo a se perceber nesse lugar que é o futebol.

A.J. - Eu poderia ficar o dia inteiro aqui te ouvindo, Bernardo. Que delícia! Trazes tantas questões importantíssimas, tantas reflexões fundamentais para o esporte e para a vida. E o que vocês projetam agora para o T Mosqueteiros? Quais são os projetos para o futuro, onde vocês querem chegar?

B.G. - Para 2024 a gente quer se formalizar com uma CNPJ porque a gente está perdendo muito dinheiro por causa disso. E esse muito dinheiro que a gente está perdendo nem é para gente. É porque, de fato, quando a gente está falando de recorrência de treino para meninos trans, a gente está falando de pessoas que às vezes vão para quadra sem comer. A gente já teve relatos de meninos que estão vivendo uma depressão profunda, ou estão vivendo uma situação de vulnerabilidade nutricional mesmo. E para manter essa recorrência nos treinos, precisa de passagem e você sempre gasta algo. Às vezes os meninos não vão treinar porque eles de fato não têm dinheiro. E a volta de algum desses meninos também tem sido uma questão que a gente pensa muito. A gente está criando o hábito de, no grupo,

sempre saber se todo mundo chegou porque alguns meninos pretos retintos têm sofrido muito ataque da polícia, sofrem abordagem policial. Às vezes o menino está sem nada, mas só por ser preto a gente sabe que são parados e a gente se preocupa muito com isso porque a gente treina de noite. Então a gente está criando esse hábito de avisar. Chegou? Está com medo? Está com receio? Às vezes a gente faz um rateio para pagar um Uber<sup>16</sup> quando a pessoa chegar na estação porque ela vai andar da estação até sua casa. E é nesse intervalo que a abordagem policial acontece de uma forma muito truculenta e violenta. Imagina, a gente sai do treino às oito e meia e até os meninos tomarem banho e tal, chegam em casa, onze horas da noite. A gente está falando de meninos que moram em extremos da cidade. Então o nosso futuro hoje, está muito concentrado em como que a gente abre uma CNPJ, em saber como a gente consegue capital, recurso financeiro para distribuir para essa coletividade conseguir ter um pouco de sossego. Porque a gente sabe que se você não tem o que comer, se você está passando por um processo depressivo, se você tem medo de voltar para casa porque você não consegue pagar um Uber toda vez que você vai treinar, você vai abandonar a prática esportiva. É o que a gente vem acompanhando. Muitos meninos chegam, mas muitos meninos não conseguem ficar nessa coletividade. Não porque não queiram ficar, mas porque eles não têm condição mesmo de ficar ali. Eles não têm ferramenta. Ou ele trabalha, ou ele vai treinar. Ou ele almoça e janta, ou ele vai treinar. Então a gente tem vivido esse caminho muito intensamente e a gente precisa criar uma CNPJ para começar a disputar esses editais e emendas públicas e assim possa investir dinheiro nessa comunidade. Porque se a gente não investir dinheiro, a gente não vai conseguir saber o que vem depois. Isso para o T Mosqueteiros e a gente também tem começado a sentir a necessidade de se desvincular de organizações que são de homens cisgênero. Hoje a gente é afiliado à Ligay, mas a gente tem percebido formas de tratamento diferentes. Existe um prestígio dos futebóis dos homens cisgênero e existe uma forma diferente de nos tratar. Não sei se intencional, eu acho que é inconsciente, eu não acho que as pessoas estão fazendo isso de forma consciente, mas por não conhecer a realidade. E ao invés de colocar a gente nesse protagonismo, tem assumido a organização disso e falhado miseravelmente com a gente. No último campeonato que a gente participou foi uma confusão generalizada entre todos os times e isso saiu como pauta entre todos os times. A gente precisa começar a fazer as nossas coisas, a gente precisa começar a ter protagonismo de pessoas trans nesses lugares porque são só as pessoas cis. E olha que ainda a pessoa

---

<sup>16</sup> Aplicativo de transporte.



pode errar muito, mas tendo a vivência, sabendo como é a realidade das coletividades, a gente vai se colocar em um lugar de muito mais cuidado. A gente vai ter cuidado quando a gente mantém um segurança em um espaço de campeonato, quando a gente pensa profissionais que não vão tratar a gente no feminino, que vão pegar nossa carteira de identidade com o nome de registro e falar qual que é o seu nome social. Então a gente vai contratar arbitragens que são pessoas trans porque hoje a gente vê que a arbitragem também... Primeiro que não são mulheres, segundo que é só uma galera do recreativo que falha miseravelmente com as nossas realidades, que falam coisas absurdas para a gente. Então é isso, a gente precisa começar a se juntar enquanto coletivos no Brasil para gente formalizar uma CNPJ e dar acesso mesmo, de conseguir muito recurso, seja via emenda parlamentar ou edital porque sem uma CNPJ fica muito difícil. Repassar dinheiro para um coletivo autônomo tem toda uma questão, umas burocracias, e a gente tem batido muito nessa porta. Então o futuro para mim é a gente se formalizar, é crescer enquanto coletividade. E eu e Tato, principalmente, a gente não vê esse futuro fora da coletividade. A gente tem percebido cada vez mais como o ego individual tem sido supervalorizado. E o quanto a militância pode nos ajudar, seja a militância de direita, de esquerda, acho que quem tem muito envolvimento com política porque a gente não tem outro caminho que não a coletividade, que não as parcerias que a gente estabelece pelo meio do caminho e não é a rede social que vai nos proporcionar isso. A gente tem percebido cada vez mais a necessidade da gente falar sobre conflitos, porque a gente não tem habilidade para falar e resolver os nossos conflitos. E como que a gente, nesse lugar de privilégio e de organização de uma coisa nacional, vai conseguir fazer com que isso cresça? A gente vai passar, a gente quer isso para as futuras gerações, para que as crianças trans tenham cada vez mais acesso a esses esportes trans, para que elas percebam que as pessoas trans podem estar onde elas quiserem, seja numa modalidade de gênero, seja numa modalidade exclusiva para pessoas trans no recreativo. Onde quer que a gente queira estar, a gente tem direito de estar. Só que a gente sabe que enquanto a gente não tiver essa representatividade nacional, isso vai ser difícil. Então a gente tem cada vez mais colocado as coletividades das outras cidades e dos outros estados para pensar sobre isso. E que por mais que seja difícil, por mais que a gente vai enfrentar mil questões e mil tretas, porque pessoas são pessoas, não é? Luz e sombra o tempo inteiro, mas a gente precisa enfrentar essa cena. A gente precisa navegar nesse mar juntos e juntas. A gente tem também entendido cada vez mais a necessidade de se somar às transfemilidades, às travestilidades, que ainda estão muito

distantes do futebol. A gente também quer aproximar disso, ver se consegue fazer com que times de meninas nasçam, a gente quer ir cada vez mais para uma não binaridade ou para um esporte misto. A gente tem discutido todas essas questões e eu acho que 2024 vem para deixar isso cada vez mais claro. E na minha cabeça, a gente vai conseguir fazer tudo isso em 2024, juntos. Com muita dificuldade, porque aí você é ser humano, muitas vezes cada um pensando no seu e a gente falando: “Poxa, gente, beleza, pensa no seu, mas não esquece do todo, porque o todo é importante também”. A gente tá fazendo esse trabalho e, às vezes, não é bem aceito por fazer isso porque as pessoas pensam muitas coisas sobre a gente, mas a gente tem cada vez mais conseguido colocar de forma contundente a importância de fazer isso juntos, de estar junto porque a verdade é que a narrativa cisgênero é muito potente e ela vai se sobressair o tempo inteiro. E a gente precisa colocar essa voz no mundo para dizer que a gente não vai fazer desse jeito. Vocês estão pensando que todo mundo tem dinheiro para ficar o dia inteiro aqui sem comer, sem almoçar? Não, a gente não tem. E aí a gente vai pensar um orçamento para isso. Você quer fazer um campeonato em Porto Alegre<sup>17</sup>? Puxa, quem está em Porto Alegre para gente fazer um campeonato lá? Será que dá para fazer mesmo? Você consegue garantir passagem para todo mundo de avião? Porque assim, de ônibus não vai rolar. Então, como que a gente consegue criar esses mecanismos de fazer diferente, de fazer uma coisa totalmente inovadora e que seja reconhecida nacionalmente por todo mundo como um espaço importante? Algo que vire uma política pública. Isso não deveria ser algo da gente, um indivíduo fazendo, mas parlamentares pensando sobre isso, sendo destinado recurso para gente falar sobre essas questões porque, no fim, por mais que a gente esteja aqui no polo do futebol, a gente está falando sobre a dignidade das pessoas trans. Que a gente sabe que já não existe, então, quando você usa o esporte pra dizer para as pessoas que as pessoas trans têm dignidade, no final a gente está buscando isso. Política pública, que a gente seja reconhecido seja colocado no calendário anual, que a gente não seja só uma data, ou janeiro, ou junho, ou maio, que é isso? Hoje a gente está sendo visto em janeiro, porque é a visibilidade trans, em junho, em maio, que são datas específicas para o mundo, mas o resto do ano a gente está na mímica. Todos os coletivos estão na mímica, não é só o T Mosqueteiros, todo mundo está na mímica e a gente precisa começar a pensar recursos para além desses meses e, também, para além de figuras públicas que estão lá sozinhas fazendo um trabalho. Se a gente tivesse uma emenda parlamentar, se a gente tivesse uma

---

<sup>17</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

frente de trabalho acontecendo de forma anual, com certeza a gente não estaria vivendo essa cena. E acho que é isso que a gente espera pra 2024 e daqui para a prosperidade. Acho que a gente vai batalhar até conseguir isso, até conseguir se reinserir novamente nesse futebol, seja ele qual for, né? Se for para ir para o masculino, se a gente estiver vivendo uma cena do misto, eu acho que a gente está se excluindo para se fortalecer, e no momento certo que a gente estiver suficientemente fortalecido... Eu estou falando de geração, de passar pelo menos umas duas, três gerações a gente talvez volte a se reinserir nesse lugar. E quem sabe a gente não veja uma Maria Joaquina<sup>18</sup> da vida, essa patinadora trans que está despontando, muito em função do trabalho do pai dela. Ainda assim a gente sabe o quanto ela precisa de apoio, porque a cena para uma patinadora criança trans, é completamente inóspita. Estão tentando de todas as formas tirar essa menina do caminho, que é o sonho dela, que é a vida dela e a gente está se fortalecendo cada vez mais, para que ela saiba que ela tem toda uma coletividade de retaguarda e que ela vai conseguir chegar lá, assim como todas as crianças que tenham esse desejo, esse sonho. Então, no fim, é um pouco sobre isso, eu sempre falo para o Tato que não dá mais para gente olhar só para a gente. Porque a gente está perdendo um bonde importante.

S.G. - Muita luta pela frente, Bernardo.

B.A. - Sim, isso daí faz parte e eu sou muito feliz. Nossa senhora, eu não trocaria esse pensamento... É muito dolorido estar inserido nesse mundo de tanta dor, mas ao mesmo tempo eu acho que eu não preferiria a cegueira, sabe?

A.J. - Bernardo, eu só quero te agradecer. Foi muito, muito bom te ouvir, é uma alegria e é um prazer enorme te conhecer.

B.A. - Eu adoro me conectar, principalmente vindo dessa professora, que é uma referência para mim. A Silvana é uma mestra e, quando eu recebo esses convites, eu venho assim correndo. Posso ficar o dia inteiro aqui, que está tudo bem, porque eu sei que estou me conectando com gente da gente, que estão fazendo trabalhos incríveis. Então, é eu que agradeço, de verdade.

---

<sup>18</sup> Maria Joaquina Cavalcanti Reikdal.

A.S. - Legal, Bernardo. E também queria te agradecer, você nos deu uma aula e nos ajuda a pensar um conjunto de coisas. A gente tem bastante boa vontade, mas é do lugar dos nossos privilégios que, por vezes, a gente não consegue compreender as especificidades, a complexidade do mundo. Quero te dizer que aprendi muito contigo hoje pela manhã. Muito obrigada.

S.G. - Bernardo, só tenho que te agradecer por ter disponibilizado teu tempo, em pleno sábado pela manhã para conversar conosco e partilhar tuas ideias e sentimentos. Fico imensamente feliz que tenhas aceito o convite para conceder essa entrevista que irá compor o dossiê que estamos organizando para a Revista Diversidade e Educação cujo foco são os atravessamentos destes temas com as práticas corporais e esportivas. Que tuas reflexões inspirem cada pessoa que ler essa entrevista e a fortaleça a fazer desse mundo algo melhor, sobretudo para as pessoas trans.

[FINAL DA ENTREVISTA]